

Documento

DOCUMENTO: Ofício do Comandante da Divisão Naval em Operações de Guerra, Contra-Almirante Pedro Max de Frontin, ao Chefe do Estado-Maior da Armada, Vice-Almirante Estevão Adelino Martins.

DATA: 26 de setembro de 1918

LOCALIZAÇÃO: Arquivo da Marinha (Fundo: Relatórios)

Ofício do Comandante da Divisão Naval em Operações de Guerra, Contra-Almirante Pedro Max de Frontin, ao Chefe do Estado-Maior da Armada, Vice-Almirante Estevão Adelino Martins

Jéssica de Freitas e Gonzaga da Silva

Mestre em Estudos Marítimos pela Escola de Guerra Naval e bacharel em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Um documento é uma pista, signo ou indício que corrobora a reconstrução do passado¹. É um instrumento que transporta o indivíduo contemporâneo para uma realidade não experimentada. Neste sentido, destacamos o ofício do Comandante da Divisão Naval em Operações de Guerra, Contra-Almirante Pedro Max Fernando de Frontin, ao Chefe do Estado-Maior da Armada, pertencente ao fundo Relatórios e custodiado pelo Arquivo da Marinha. Redigido no dia 26 de setembro de 1918, em Dakar, na costa africana, tal documento traz o relato dos óbitos sofridos pelo contingente militar brasileiro, assolado pela epidemia de gripe espanhola, que implicaram na reorganização dos comandos dos navios da Divisão.

No início das hostilidades, em 1914, o Estado brasileiro optou pela neutralidade. A declaração da guerra submarina ilimitada pelos alemães redundou em uma crise diplomática com Berlim devido aos torpedamentos dos Navios Mercantes brasileiros: *Paraná; Lapa; Tijucas; Acary; Guayba; Taquary*².

Em 26 de outubro de 1917, o Brasil declarou guerra à Alemanha. A participação brasileira no conflito foi planejada a partir das seguintes contribuições: envio de uma Missão Médica para integrar a equipe francesa; envio de um grupo de aviadores navais para treinamento na Europa; e de uma Divisão Naval subordinada à Marinha Real britânica para atuar no patrulhamento do Oceano Atlântico, entre o Estreito de Gibraltar e Serra Leoa, na costa africana³.

A Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG) foi criada pelo Ministro da Marinha Alexandrino Faria de Alencar (1848-1926) e era composta pelos Cruzadores *Bahia* e *Rio Grande do Sul*, os Contratorpedeiros *Piauí*, *Rio Grande do Norte*, *Paraíba* e *Santa Catarina*, Tênder *Belmonte* e o Reboador *Laurindo Pitta*, tendo por comandante o Contra-Almirante Pedro Max Fernando de Frontin (1867-1939). Partiram do Rio de Janeiro entre maio e julho de 1918, passando por Salvador, Recife, e Fernando de Noronha, de onde atravessaram para Freetown,

* Artigo recebido em 12 de maio de 2017 e aprovado para publicação em 23 de maio de 2017.

em Serra Leoa, chegando a Dakar em 26 de agosto daquele ano, onde sofreram com a tragédia da gripe espanhola.

A guerra é um fenômeno social. Não devemos minimizá-la apenas a um conflito armado. É um fenômeno coletivo promovido através da violência organizada sob aparato legal contra um inimigo ativo a fim de atender aos interesses de grupos políticos⁴. A guerra é um agente transformador das estruturas sociais. Além da mortandade, gera consequências na pirâmide etária, na distribuição de riquezas e nas mudanças morais da sociedade⁵.

A Primeira Guerra Mundial transformou o *modus faciendi* da guerra com o emprego de novas armas. Os atores beligerantes empregaram seus recursos tecnológicos, econômicos e políticos no conflito, atingindo um índice de mortandade nunca antes sofrido pelo homem. O elevado índice de mortalidade ocorreu não só de forma direta, ou seja, no teatro de operações através da prática de terra arrasada, bombardeio ou devastações preventivas, mas também, de forma indireta, morticínio acarretado por epidemias e fome. No nível do indivíduo, a guerra afetou os combatentes e a sociedade civil.

Durante os combates, o ambiente do teatro de operações caracterizado pelas trincheiras, aglomeração de combatentes, os navios transportes situados em locais insalubres, sem saneamento, alimentação saudável e água potável, altas temperaturas e ausência de eficiente socorro médico, corroborou para a alarmante difusão do vírus. Entre os dias 10 a 16 de setembro o número da mortandade pela *influeza* ou gripe espanhola⁶ foi exponencial, sobretudo entre os

militares encarregados da guarnição das caldeiras e transporte de carvão, os foguistas, marinheiros de convés, maquinistas (10% dos maquinistas da Divisão foram vítimas), conforme destacado pelo Comandante Frontin, médicos e demais oficiais. A epidemia de gripe espanhola provocou, entre 1918 e 1919, de 20 a 50 milhões de mortes. O contingente brasileiro a bordo da DNOG atingiu a maior taxa de mortandade ocorrida nos navios de guerra, totalizando, aproximadamente, 10% do seu pessoal. A maior parte das vítimas foi enterrada em Dakar⁷. Em 11 de novembro, foi assinado o Armistício na Europa, o que significou o fim do conflito.

A relevância da fonte histórica para construção de conhecimento está no seu diálogo com a teoria, permitindo uma interpretação crítica. Esse documento sobressai visto que apresenta uma gama de possibilidades para a escrita da história. Além de trazer a participação brasileira no conflito, possibilita um estudo de caso sobre como a guerra impacta as instituições militares e a sociedade, além do seu aspecto político. Mas, a tarefa é árdua ao historiador. Afinal, quantos brasileiros morreram pelo seu país, mas que não sabemos de suas histórias? Quem foram esses homens? Quais foram os impactos para a sociedade brasileira? Retomando as palavras do Comandante Pedro Max de Frontin, qual o impacto sobre os indivíduos que, “convalescentes, ficaram com um grande abatimento moral de forma neurastênica, que os torna incapazes de qualquer função directiva, isto é, se for oficial, de poder prestar qualquer serviço útil nesta comissão”? Cabe ao historiador desbravar os documentos e continuar essa aventura.

NOTAS

¹ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 150-152.

² Sobre as causas da participação brasileira na Primeira Guerra Mundial, ver: MARTINS, Helio Leoncio. Participação da Marinha Brasileira na Primeira Grande Guerra. In: *História Naval Brasileira*. Rio de Janeiro: SDM, 1997, v. 5, tomo I B.

³ ALMEIDA, Francisco Alves de. A Grande Guerra e o Atlântico. In: ALMEIDA, Francisco Alves de; LEÃO, Karl Schurster de Sousa. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Atlântico: A história de um oceano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 363.

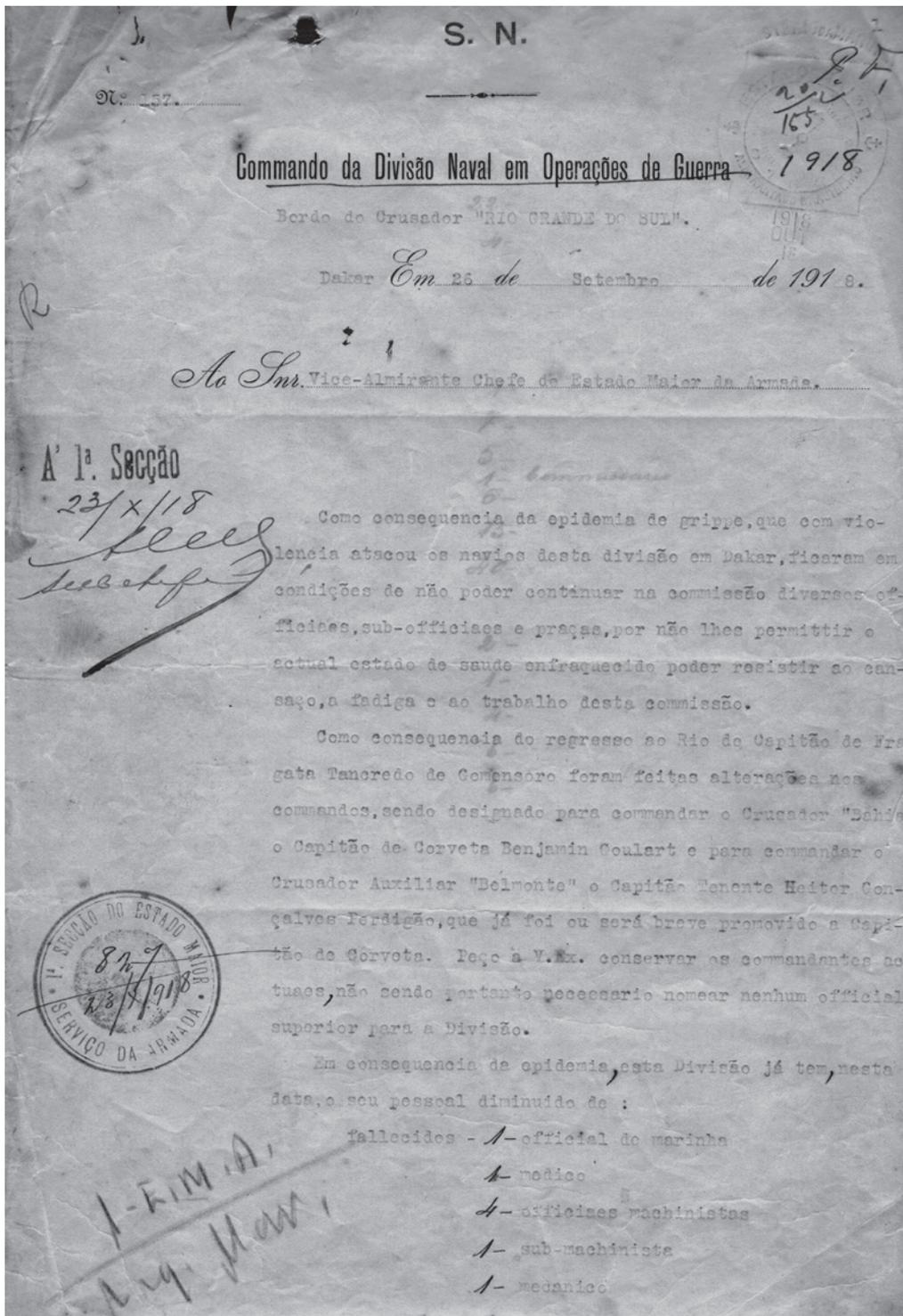
⁴ BOUTHOU, Gaston. *Tratado de Polemologia: Sociología de las guerras*. Madrid: Ediciones Ejército, 1984, p. 105.

⁵ Para realização de uma análise sobre as transformações sociais de uma guerra, é necessário considerar alguns aspectos desse fenômeno, tais como: caráter endêmico ou isolado, extensão, intensidade, duração, número de

contingente, ações diretas ou indiretas sobre os homens e estruturas sociais a fim de evitar generalizações. Ver: CORVISIER, André. *A Guerra: ensaios históricos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1999, pp. 234-252.

⁶ "A influenza é uma doença altamente contagiosa, viral típica transmitida por meio de aerossóis produzidos por pessoas infectadas durante o processo de tosse ou espirro ou por contato direto com secreções nasais ou superfícies contaminadas com o vírus transmissor". Ver: ALONSO, Wladimir J; SCHUCK-PAIM, Cynthia. SHANKS, Dennis G; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. A alta mortalidade da pandemia espanhola na Divisão Naval em Operações de Guerra em 1918. In: *Navigator*. Rio de Janeiro: DPHDM, v.9, nº 17, 2013, pp. 12.

⁷ *Ibidem*, pp. 12-17.



Transcrição do Ofício do Almirante Pedro Max de Frontin

COMANDO DA DIVISÃO NAVAL EM OPERAÇÕES DE GUERRA

Bordo do Crusador "Rio Grande do Sul".

Dakar, Em 26 de setembro de 1918.

Ao Snr. Vice-Almirante Chefe do Estado Maior da Armada.

Como consequencia da epidemia de gripe, que com violência atacou os navios desta divisão em Dakar, ficaram em condições de não poder continuar na comissão diversos officiaes, sub-officiaes e praças, por não lhes permittir o actual estado de saúde enfraquecido poder resistir ao cansaço, a fadiga e ao trabalho desta commissão.

Como consequencia do regresso ao Rio do Capitão de Fragata Tancredo de Gomensoro, foram feitas alterações nos commandos, sendo designado para commandar o Crusador "Bahia" o Capitão de Corveta Benjamin Goulart e para commandar o Cruzador Auxiliar "Belmonte" o Capitão-Tenente Heitor Gonçalves Perdigão, que já foi ou será breve promovido a Capitão de Corveta. Peço a V. Ex. conservar os commandantes actuaes, não sendo, portanto, necessário nomear nenhum official superior para a Divisão.

Em consequência da epidemia, esta Divisão já tem, nesta data, o seu pessoal diminuído de:

Falecidos - 1 – official de Marinha
1 – médico
4 – officiaes machinistas
1 – sub-machinista
1 – mecanico
52 – foguistas
22 – marinheiros
4 – taifeiros;

doentes que seguem para o Rio por não terem saúde bastante para poder continuar nesta trabalhosa e fatigante commissão:

1 – official superior
7 – officiaes subalternos
5 – officiaes machinistas
1 – commissário
6 – sub-official
15 – foguistas
40 – marinheiros;

doentes que provavelmente seguirão no próximo paquete:

2 – officiaes subalternos
1 – medico
4 – officiaes machinistas
6 – foguistas
6 – marinheiros.

No meu telegramma nº 289 pedi oito machinistas, para substituir os que falleceram e os que em consequência da epidemia não se achão mais em condições de saúde para servir nesta divisão.

Pedi que fossem todos Segundos Tenentes, porque já tive bastante difficuldade em distribuir pelas funções de Chefe de Machinas e 2º Machinista, os Primeiros Tenentes Machinistas embarcados nesta Divisão, os quaes, nem todos tem a competencia que deviam ter de acôrdo com a sua antiguidade. A nomeação de qualquer 1º Tenente Machinista que não fosse um profissional de mérito, só viria crear de novo as difficuldades que já consegui fazer desaparecer. O embarque nesta Divisão de Segundos-Tenentes Engenheiros Machinistas será, para elles, uma occasião de muito praticarem em machinas e não modificará a distribuição de funcções já por este Commando feita.

Notei que alguns convalescentes ficaram com um grande abatimento moral de forma neurasthenica, que os torna incapazes de qualquer funcção directiva, isto é, se fôr official de poder prestar qualquer serviço útil nesta commissão.

Saúde e Fraternidade,



Pedro de Frontin,
Contra-Almirante, Comandante da Divisão.

Normas para a publicação na REVISTA NAVIGATOR

A Revista *Navigator* aceita trabalhos inéditos relacionados à História Marítima e áreas afins, sob a forma de artigos, ensaios e resenhas. A publicação dos trabalhos é decidida segundo pareceres dos membros do Conselho Editorial, do Conselho Consultivo e de dois pareceristas *ad hoc*, que avaliam a qualidade do trabalho e sua adequação às finalidades editoriais da revista.

As colaborações para a Revista *Navigator* devem seguir as seguintes especificações:

1. Os artigos devem ser enviados ao endereço eletrônico navigator@dphdm.mar.mil.br no formato Word for Windows. Terão a extensão de 20 páginas no máximo, digitadas em fonte Times New Roman 12, com espaçamento entre linhas de 1,5 e margens de 2,5cm. As notas devem ser de rodapé.

2. Se houver imagens, estas não deverão estar inseridas no texto em word, mas em outro arquivo anexo, digitalizadas em 300 DPI no formato TIFF ou JPEG. No caso de imagens provenientes de câmera digital, deverão estar na mais alta resolução do equipamento.

3. Os artigos deverão estar acompanhados de resumo (português e inglês) de no máximo dez linhas e três palavras-chave.

4. Os ensaios seguirão as mesmas normas especificadas para os artigos.

5. As resenhas poderão ter até sete páginas.

6. As notas deverão obedecer à NBR 6023:

SOBRENOME, Nome. Título do livro em itálico: subtítulo. Tradução. Edição, Cidade: Editora, ano, p. ou pp.

SOBRENOME, Nome. Título do capítulo ou parte do livro. In: Título do livro em itálico. Tradução. Edição, Cidade: Editora, ano, p. ou pp.

SOBRENOME, Nome. Título do artigo. Título do periódico em itálico. Cidade: Editora, vol., fascículo, p ou pp.

7. Os trabalhos devem ser remetidos com uma folha à parte com nome completo do autor, seguido das referências com as quais deseja ser apresentado (máximo de três linhas), endereço completo, e-mail e telefone para contato.

8. Uma vez publicados os trabalhos, à *Navigator* se reservam todos os direitos autorais, permitindo, entretanto, a sua reprodução, com a devida citação da fonte.

9. Toda correspondência endereçada à *Navigator* deve ser encaminhada para o e-mail navigator@dphdm.mar.mil.br ou à Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha – Departamento de Publicações e Divulgação, Praça Barão de Ladário s/nº, Ilha das Cobras, Centro, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 20091-000, aos cuidados do Editor da Revista *Navigator*.